

dições de falar, como o senhor tomou conhecimento do fato e como, logo em seguida, foram feitos os primeiros atendimentos ao senhor e à sua família. E também como se encontra hoje o caso do seu filho. Bom-dia, sr. Wedson.

O SR. WEDSON CÂNDIDO DE MATOS - Bom-dia. O conhecimento do incêndio nós ficamos sabendo, eu e minha esposa, pela mídia, porque, no dia 8 de novembro... Dia 8 de fevereiro de 2019, eu estava me trocando, porque eu trabalho de motorista, para mim viajar. E minha esposa tem o costume de levantar para assistir um jornal ou algo assim. Ai ela ligou a televisão, eu no quarto me trocando. O carro que eu viajo, na porta. Já tinha conferido água, óleo, tudo. Ai foi onde que nós ficamos sabendo. Nesse meio termo tem... Amanhã completa 1 ano. No dia do falecimento do meu filho, eu não tive um contato do Flamengo falando: "Seu Wedson, houve um incêndio no Ninho do Urubu, e o seu filho estava presente." Nós ficamos sabendo através da *Rede Globo*, da *Bandeirantes*, etc., etc., etc. Pelo Flamengo eu não tive um telefonema, para pelo menos, como se diz, tentar explicar o inexplicável. Igual eles falam que trouxe todo mundo para cá. Eu não vim, eu não fiquei sabendo, eu não tive esse acolhimento. Eu não tive acompanhamento psicológico. Eu não tive nada disso do Flamengo. Se eu quero ter algum acompanhamento, qual eu tenho meus problemas de saúde, tudo é por minha conta. Flamengo não me ajuda em nada, a não ser o respaldo que eles nos dão com uma pensão, que justamente fica todo o meu remédio e da minha esposa.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Até hoje o Flamengo não procurou o senhor e sua família para tratar do acidente, para tratar de uma possível indenização?

O SR. WEDSON CÂNDIDO DE MATOS - Não. Eu, é igual acabei de frisar, eu tive um telefonema do Flamengo. Foi, se eu não me engano, foi dia 3 ou dia 5 de março. De lá para cá eu não tive contato nenhum com o Flamengo. E nem ele comigo.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Obrigado, sr. Wedson. Deputado Rodrigo Amorim.

O SR. RODRIGO AMORIM - Primeiro, me solidarizar com o senhor e sua esposa pela perda do seu filho, assim como as demais famílias.

O SR. WEDSON CÂNDIDO DE MATOS - Obrigado.

O SR. RODRIGO AMORIM - Como perguntou o presidente, se o senhor pudesse especificar, deixar mais claro para gente, como foi essa relação com o Flamengo? Quem abordou primeiro? Se teve algum contato, como foi a sequência desses contatos? É importante que a gente entenda como foi a atuação da instituição com as famílias, e aí, no caso, a do senhor.

O SR. WEDSON CÂNDIDO DE MATOS - Não houve contato. Então, não teve aproximação nenhuma.

O SR. RODRIGO AMORIM - Em momento nenhum?

O SR. WEDSON CÂNDIDO DE MATOS - Nenhum. Nenhum. Em momento nenhum o Flamengo me procurou para saber como eu estava, como minha esposa está, como minha filha está, como meu neto está. Eu tenho uma neta minha que tem quatro anos, fez quatro anos. Ela era o sonho dele, entendeu? Ela não dorme. Eu tenho que levar em psicólogo. Eu tenho... Amanhã completa um ano, e eu não sei o que é uma noite de sono. Eu não tenho contato nenhum com o Flamengo. Nenhum. O Flamengo... Meu filho morreu no dia 8 de fevereiro, às cinco e vinte, cinco e dez. Não sei o horário. Eu recebi meu filho no dia 9, 16h40. Uma representante do Flamengo, que nem se identificou, chegou, me deu uma camisa de malha escrito "Flamengo" e bateu nas minhas costas. "Meus sentimentos." Nunca mais a vi.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Deputado Jorge Felipe Neto.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Eu acho que a gente pode poupar as famílias dessas questões. É suficiente saber, pelo depoimento do senhor, que o Flamengo muito pouco ou nada tem se esforcado na condução desses acordos, e a gente vê a discrepância... Tudo o que aconteceu, deputada Renata. Por exemplo, no Hospital Badim, que, resguardadas as diferenças mínimas, possuem o arcabouço jurídico muito parecido. E, nesse aspecto, sobre o Badim, tivemos na semana passada notícia que já fez o acordo com todas as famílias. Um acidente que foi até posterior ao do Flamengo. Então, eu só tenho a me solidarizar com vossa senhoria, dizer que a dor de vocês como pais e mães também é nossa. Todos aqui nesta Mesa são pais, enfim. E, como torcedor do Flamengo, como fã do time, como uma pessoa que quer o sucesso do clube, a gente deseja que esse episódio, tanto para o clube quanto para as famílias, seja imediatamente encerrado. Uma boa condução para um dos julgados, se é que isso é minimamente possível também.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Passar a palavra para a deputada Renata Souza.

A SRA. RENATA SOUZA - Diante do que todos nós podemos assistir, a negligência do clube para com esses familiares é flagrante e, no sentido de acolhimento psicológico inclusive, porque sabemos que não podemos... o Poder Legislativo não tem essa possibilidade de restabelecer a força desses familiares, mas aqui, na Comissão de Direitos Humanos, a gente deixa disponível para todos os familiares das vítimas o acolhimento psicológico, que a gente encaminha e que a gente possa fazer de fato isso. No último ano a gente teve o acesso a vocês cerceado, e, portanto, não conseguimos fazer o acolhimento que a Comissão de Direitos Humanos faz sempre num momento de dor, num momento mais delicado de uma família, em que muitas vezes, diante do que está colocado, de tamanha repercussão, ainda assim a família não tem o acolhimento necessário. Então, já deixar aqui disponível para o senhor. E a gente pode tocar esse acolhimento no coletivo, que eu acho que também é importante.

O SR. WEDSON CÂNDIDO DE MATOS - Muito obrigado.

O SR. RODRIGO AMORIM - Sr. presidente, me permite só mais um questionamento? Eu, estudando a questão, eu ouvi uma entrevista do atual presidente do Flamengo dizendo que as famílias colocaram os seus advogados particulares para criar obstáculos ao Flamengo na relação. Inclusive fez com que as famílias exigissem do Flamengo valores - palavras do presidente, não são minhas as palavras - estratosféricos. A pergunta para a família é: o senhor até esse momento procurou algum advogado? Está representado por um advogado?

A SRA. MARIJU MACIEL - Eu vou pedir a palavra.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Pois não.

A SRA. MARIJU MACIEL - Sou advogada da família. Me chamo Mariju Maciel, represento a família e agradeço esse espaço para dizer que, em momento algum, nós fomos entraves para acordo. O Flamengo tem o telefone das famílias, está liberado a fazer contato diretamente com elas. O que nós precisamos é atenção. Nós fomos... A dra. Paula está aqui, também advogada de uma família, também aberta. Jamais houve - o Wedson está aqui - nenhum entrave, porque não houve contato. Nós estamos solidários à dor. Na realidade, estamos prestando auxílio jurídico, até porque nós temos do outro lado um clube que jamais se apresentou sem um advogado. E nos chama atenção a situação de botar os advogados como entrave, quando, no momento em que ele se apresenta, ele se apresenta sempre representado por seu corpo jurídico. Eu lamento a ausência do Flamengo aqui. E não é a primeira vez. Nós só tivemos uma reunião até hoje, no Tribunal de Justiça Desportiva, onde o sr. Rodrigo levantou e disse que ele tinha um compromisso mais importante. E por isso ele se ausentaria.

Então, o que se pede é acolhimento, é carinho. Era talvez, no Dia dos Pais, ter ligado para o sr. Wedson para perguntar como é que ele estava, na ausência do filho, no seu primeiro ano. Era ligar para a Sara, no Dia das Mães, no aniversário do Pablo. Eu peço desculpa pela emoção, mas nós estamos há um ano, um ano sofrendo por descaso. E nós, advogados, que temos tentado fazer o que o Flamengo não faz, que é dar a mão, que é fazer carinho, que é dizer "olha, eu estou contigo, para o que der e vier". O que o Flamengo diz é o seguinte: a Justiça é lenta.

Eu estou feliz de estar aqui hoje nesta Casa. Eu, pela primeira vez, estou me sentindo acolhida e tenho certeza que eles também. Porque talvez o que eles quisessem, Flamengo, era um olhar. Era dizer "desculpa", "desculpa por ter posto o teu filho para dormir

num contêiner de alta combustão", "desculpa por ter posto grade para o teu filho não ter por onde escapar", "desculpa por não ter um monitor acompanhando o teu filho", "desculpa por ter entregado um caixão quando ele te entregou o bem mais precioso". Talvez o que esse casal precisava era carinho. E vocês estão tentando transferir a culpa de vocês em dinheiro. O que a gente queria era carinho, o que a gente queria era atenção, o que a gente queria era que, talvez, ao invés de só olhar para uma equipe, vocês olhassem para uma dor de um pai que reconheceu o seu filho pelo aparelho dentário. É muito triste você receber um caixão, e as pessoas transformarem isso em dinheiro. Ninguém está aqui falando em dinheiro. Nós estamos aqui falando em dor. Nós estamos aqui falando de pais que perderam seu filho. O sonho do Wedson era ter um filho homem. Ele conseguiu ter o seu filho homem aos seus quarenta anos. Quatorze anos de convívio, e recebe cinza num caixão? E a gente transforma isso em indenização financeira?

Eu quero deixar claro, em nome dos advogados, que nós não somos entraves para nada. Flamengo, se vocês quiserem fazer contato direto com eles, aqui estão eles. O que nós faremos é exatamente o que o corpo jurídico do Flamengo faz: dar uma assessoria jurídica para a qual estamos capacitados. Jamais, jamais tentaremos ganhar dinheiro com dor, que é isso que vocês estão tentando passar para a mídia, para trazer uma culpa que não é nossa. Não é nossa! Nós, advogados, estamos fazendo o que vocês deveriam ter feito e não fizeram: é dar um beijo nesses pais, é ligar para saber como é que eles estão, diariamente. Então, eu agradeço ter podido falar isso. Eu vim de Porto Alegre hoje, com gastos. Eles vieram de Oliveira, em Minas Gerais, com gasto. Vocês sabiam que a gente viria. Nós não recebemos nenhum telefonema para saber se o Flamengo queria pagar esses custos, que o Flamengo diz que arca com tudo. Não. Nós estamos arcando com os nossos custos, porque sequer a passagem foi oferecida. Então, vamos parar de hipocrisia. Vamos parar de fingir o que não existe. O Flamengo abandonou essas famílias. Nenhum contato em um ano! A gente soube que agora vai ter uma homenagem para as crianças no jogo. Quem decidiu por essa homenagem? Ninguém falou com a família. Se querem ser homenageados, se não querem. Qual é a dor deles? Não foram sequer convidados para estar lá. Então, o Flamengo traz toda uma mídia de que vai fazer uma homenagem às famílias, e em um ano nunca fez contato com elas. Sem mais.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Doutora, qual o nome da senhora?

A SRA. MARIJU MACIEL - Mariju Maciel.

O SR. RODRIGO AMORIM - Sr. presidente, eu, diante do relato da advogada da família, acho que está muito claro. Eu gostaria de requerer à Comissão que nós acostássemos aos autos, talvez até exibindo aqui... Não sei se a diretoria, a assessoria aqui da comissão consegue dispor, se vossa excelência autorizar, uma entrevista... Mas, de qualquer forma, ainda que não passemos aqui, gostaria que isso fizesse parte dos autos dessa CPI para a formatação do relatório. De uma entrevista que o Flamengo, alguns dias atrás, na *Fla TV*, na plataforma do YouTube, disponibilizou do sr. presidente, do CEO do Flamengo, e me parece que um outro diretor, um outro vice-presidente do clube, onde de fato me chama muita atenção, deputada Renata. Primeiro, aqui referendo as palavras da senhora, de que o Flamengo o tempo inteiro se refere às questões pecuniárias. O presidente tem uma fala tão esdrúxula, com o perdão da palavra, porque ele se vangloria de ter oferecido às famílias - palavras dele, não sei se é verdade - o valor de cinco mil reais. E ainda faz alusão para justificar esses cinco mil reais, dizendo que os atletas, os garotos recebiam somente oitocentos reais. No entanto, o Flamengo estava fazendo um grande feito de pagar cinco vezes mais, sei lá quantas vezes mais. Ou seja, estava mensurando a dor da família nesse momento que todos eles passam, como bem disse a deputada Renata, por abalos psicológicos, precisam de deslocamento, precisam de apoio de outros profissionais, enfim. Então, o Flamengo, de uma forma muito fria, consegue estabelecer ali se vangloriando. E me parece que essa decisão... Não sei se em todos os casos, mas, num determinado caso, foi reformada pelo Judiciário, e eles majoraram esses cinco mil reais. Ou seja, o Flamengo, no seu próprio canal, fazendo ali uma autopromoção, dizendo que eles foram muito generosos porque pagaram cinco vezes mais do que os garotos recebiam. Depois da sequência, o Flamengo insiste - palavras do presidente, por isso que eu faço questão que a transcrição ou o vídeo esteja acostado aos autos dessa CPI - porque aquilo ali é uma forma... Fica evidente a forma pela qual o Flamengo tem tratado essas vítimas. O presidente o tempo inteiro menciona nessa entrevista, que é do seu próprio canal. Ou seja, deve ter sido uma entrevista editada, trabalhada pelo departamento de marketing do Flamengo, talvez, para que fossem esclarecimentos sobre o Ninho do Urubu, como se fosse algo que fizesse bem para a imagem do clube. No entanto, ao meu ver, deputada, salvo melhor juízo, mais uma vez dizendo, todo esse conteúdo dessa gravação expõe muito objetivamente a forma pela qual o Flamengo tem tratado essa questão, pelo menos no que diz respeito às famílias. E além de, em determinados momentos da entrevista, ele fala do óbice que a família tem feito, colocando os advogados para interagir, como se fosse um grande problema.

A gente acaba de ver, no início da sessão, que o Flamengo fuge do debate. Aliás, não é a primeira vez. Eu presido a Comissão de Esporte de Alto Rendimento, e o Flamengo reiteradas vezes fugiu do debate dessa comissão. Nós fizemos uma vitória. Deputado Alexandre Knoploch esteve presente, deputado Jorge Felipe Neto esteve presente. Outros deputados. A secretaria do estado, a Secretaria Municipal de Fazenda, a Polícia Civil, a Delegacia Fazendária. Outros organismos estiveram presentes no estádio. Ali nós verificamos - eu sei que não é o tema dessa CPI - mas verdadeiras aberrações. E até hoje o Flamengo não tomou nenhuma providência e continua transgredindo. E aí dou um simples exemplo: as pipocas que são comercializadas no Maracanã são clandestinas, assim como é a própria atividade. Porque não tem alvará, não tem documentação. A comercialização de alimentos ali é feita sem contrato. A empresa que ali está não tem contrato com o Flamengo. A empresa que ali está tem um alvará. Tem alvará não; tem um CNPJ tirado dentro de um prédio público. Ou seja, é transgressão para todo lado. E aí o mais grave que eu vejo, que é o objeto daquela CPI, é a sonegação de imposto. E, diante de tantas aberrações, o Flamengo insistiu reiteradas vezes em faltar, em transgredir, em não comparecer, em não querer esclarecer. Agora, hoje, a gente não está falando tão somente de sonegação. Hoje a gente está falando de vidas. Então, sem querer fazer com que - como o deputado Jorge Felipe Neto bem disse - fazer com que a dor se prolongue, mas eu acho que o seu depoimento, a sua declaração é muito forte, e só vai ao encontro exatamente daquilo a que eu assisti no vídeo exibido pelo próprio Flamengo. E aqui eu mais uma vez peço que vossa excelência defira que o vídeo seja acostado ou transcrito para que possa efetivamente compor os autos dessa comissão.

E, para finalizar, sr. presidente, o Flamengo é uma instituição muito forte. E eu falo isso de forma muito... Fico muito à vontade de falar porque eu sou um flamenguista inveterado. Aliás, somos. Não sei qual é o time da deputada Renata...

A SRA. RENATA SOUZA - Flamenguista também.

O SR. RODRIGO AMORIM - ...mas todos nós somos flamenguistas. Aliás, de frequentar o estádio, de estar sempre presente. Sócio-torcedor. Agora, evidentemente que o Flamengo tem uma força, tem uma máquina estatal, eu diria. É até forte contra o estado, haja vista, como disse o deputado Knoploch, a quantidade de pessoas que se envolveram nos momentos anteriores ao acontecimento dessa assentada de hoje. A força política do Flamengo é muito forte. O poder que o Flamengo tem com seus milhões de torcedores é muito forte. E me parece que, talvez de uma forma não objetiva, mas subjetiva, a própria instituição usa essa força - eu diria - para intimidar a atuação de quem quer que seja ou quem quer que ose contestar a atuação do Flamengo. Só que... Eu fico muito à vontade também. A presença da deputada Renata aqui ilustra muito isso. Nós, e incluo vossa excelência, temos uma atuação muito forte neste Parlamento. Nós discordamos de quase tudo, ou de tudo. Já tivemos inúmeros embates sobre o campo ideológico. E teremos, continuaremos a ter, até porque isso é muito bom para a democracia. Agora, os nossos embates se

restringem à forma como vossa excelência enxerga o campo econômico, a atuação do estado, a liberação ou flexibilização de determinada conduta. Sou de um aspecto mais conservador; vossa excelência sob um viés mais progressista. Agora, quando a gente fala de algo que é dever desse Parlamento, como vossa excelência aqui - reitere suas palavras - bem disse na sua fala inicial, quando a gente está falando da dor humana, e sobretudo numa relação de hipossuficiência dessas famílias em relação ao clube. Se nós, com todo o aparato do Parlamento, com a imprensa presente, com toda a força de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, com quatro deputados absolutamente atuantes e independentes, se nós estamos enfrentando as dificuldades que temos enfrentado para dialogar com o Flamengo, o que falar desse senhor, dessa senhora? Inclusive foi a senhora que também perdeu a mãe no mesmo ano, salvo engano. Não é isso? O que falar dessa família, como dialogar, como chegar perto, como enfrentar uma instituição do tamanho do Flamengo? Então, parabenizar vossa excelência pela forma que está conduzindo e aos demais colegas também presentes, porque nós temos uma missão importante, que é, primeiro, desvendar o que aconteceu, que é o objeto dessa comissão. E depois, se possível, servir de lição entre as famílias e entre o clube, porque é nosso dever fiscalizar e sobretudo proteger a sociedade que nos elegeu e nos confiou.

Muito obrigado, sr. presidente.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Só para informar a todos que, com relação à condução coercitiva, ela será feita na próxima sexta-feira; já sendo comunicada ao chefe de Polícia Civil, e assim respeitando o posicionamento do STF, onde será conduzido, caso não esteja aqui presente, no primeiro minuto, o presidente Rodolfo Landim, o vice-presidente jurídico e também o Alexandre Wrobel, que é o ex-vice-presidente de patrimônio.

Dando continuidade, eu vou passar a palavra à dra. Paula Wolf, que representa a família do menino Jorge Eduardo, também vítima fatal do incêndio no Ninho do Urubu. Bom-dia, dra. Paula. A senhora tem a palavra.

A SRA. PAULA WOLFF - Bom-dia, dr. Alexandre, bom-dia a todos. Primeiramente, assim como a dra. Mariju falou, eu queria parabenizar esta Casa por estar - e por isso aqui está acontecendo... Nós estamos completando agora um ano desde que essa tragédia aconteceu. E a gente se sente sem amparo. Sem amparo. É como se a gente estivesse numa briga de Davi e Golias, numa disparidade de forças que não dá para explicar. E muitas vezes a gente sente que nem mesmo a sociedade dá um apoio a essa família, justamente por palavras distorcidas, como se a preocupação dessas famílias que receberam cinzas... Tinham lá seus filhos como jogadores do Flamengo. O Flamengo! E de repente receberam cinzas, não recebem apoio. Vem a sociedade muitas vezes falando como se eles quisessem dinheiro, como se o problema fôssemos nós, advogados. Isso tudo gera na gente uma descrença muitas vezes muito grande. Como assim? Em que mundo eu estou? Como isso está acontecendo? Como nada acontece? Será o Flamengo tão grande assim que nada acontece com ele? Foram dez meninos mortos, sem contar os feridos. Meninos morando dentro de contêineres gradeados, como muito bem a dra. Mariju colocou, como todo mundo sabe. A gente não está num caso em que, para se apurar o que aconteceu, o que não aconteceu, no sentido da responsabilidade. A responsabilidade é inegável. O Flamengo mesmo reconhece essa responsabilidade ao dizer que é devida a indenização. Só que botou isso tudo como um jogo de números, como um jogo de "os advogados são figuras demonizadas", como se essas famílias não tivessem direito a um suporte jurídico, como se não tivessem direito a nada, como se elas tivessem que agradecer qualquer coisa, por mínima que seja que o Flamengo desse, elas tinham que agradecer, e pronto. E ficarem satisfeitas, porque era o Flamengo. Então, na verdade, eu parabenizo, em nome da família do Jorge Eduardo - os pais não estão aqui, estão trabalhando, porque eles têm que trabalhar, claro. Então, eles não moram no Rio de Janeiro. Tem um custo para vir para cá, é muito alto. Então, eles estão lá lendo notícias nossas diariamente, tendo o nosso apoio, perguntando o que precisa, o que não precisa, mas infelizmente não podem estar aqui. Mas a gente está aqui para dizer, para agradecer. Num primeiro momento, para agradecer. A gente não sabe o que vai acontecer, mas só disso já existir já significa para a gente uma luz, para dizer que "olha, eles estão vindo o que está acontecendo com essas famílias". Alguém está olhando. E é interessante que, muitas vezes, falam assim: "Ah, mas vocês vão para a Justiça? A Justiça no Brasil demora anos. A Justiça do Brasil não funciona." Ora, se nós, advogados, nós, não acreditamos mais na Justiça, não acreditamos mais que o Brasil tem leis, que o Brasil tem punição, que o Brasil não é o país da impunidade, então, o que a gente está fazendo aqui? Passando as nossas vidas? Porque, sem justiça, não há democracia. E ao ver, desde a primeira entrevista do presidente do Flamengo, sr. Rodolfo Landim, o tempo todo demonizar advogados. Lá atrás, logo após o fato, teve uma coletiva de imprensa em que ele textualmente mencionou que duas advogadas estiveram no Tribunal de Justiça e foram um entrave à negociação com as famílias. Somos nós. Eu e dra. Mariju. Nós não somos nenhum entrave. A proposta feita no Tribunal de Justiça foi feita pela Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, pelo Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, com aceite de todas as famílias. Cem por cento. Todas aceitaram a proposta da Defensoria Pública! Quem não aceitou foi o Flamengo. E veio a público dizendo o quê? "Não, os advogados são um entrave." O que eles queriam? Isso para mim não está claro. Eles queriam o quê? Que essas famílias ficassem desassistidas, esperando um ano o telefone tocar, e o telefone não toca? O que eles gostariam? Qual é o entrave que a gente está sendo? Como muito bem colocado, eles têm o telefone de todos eles. Jorge Eduardo jogava no Flamengo desde 2016, capitão de time, volante espetacular. Ganhou a Copa Nike Premier Club, inédita para o Flamengo, inédita para o Flamengo. Elogiado por técnicos, por outros jogadores. Um menino que faleceu perto de completar 16 anos de idade. Mais de dois anos de clube. Passou o Dia das Mães, passou o Dia dos Pais, passou o Natal, passou o Ano Novo, ninguém liga. Ninguém liga! E isso causa muita dor. Isso causa muita dor. É aquela sensação... Parece que as famílias passam aquela sensação de "olha, ou você aceita o que a gente quer e se contenta com isso, ou então não vai ver justiça nunca, porque justiça não existe. Demora anos." Isso foi textualmente dito pela diretoria do Flamengo. Um processo judicial demora anos... Enfim, isso é o retrato da descrença que existe hoje no nosso Judiciário, na nossa Justiça. Mas a gente está aqui para dizer que a gente acredita. A gente vai continuar apoiando essas famílias. Eles podem não fazer acordo, eles podem não ligar, eles podem não querer saber como está, mas a gente vai estar aqui do lado dessas famílias. A gente vai gastar do nosso bolso para vir até aqui. A gente vai gastar do nosso bolso para ir aonde for que seja necessário, até a gente encontrar a justiça. Porque infelizmente esses meninos a gente não pode trazer de volta, que era realmente tudo o que a gente queria.

Muito obrigada.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Presidente, se eu puder fazer uma pergunta. Obrigado. Para as duas companheiras advogadas aqui, as duas colegas de profissão, vocês acompanharam o inquérito, a instrução do inquérito criminal na qualidade de parte?

A SRA. MARIJU MACIEL - Não tivemos acesso.

A SRA. PAULA WOLFF - A gente não tem acesso.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Apesar da tentativa. Sob qual justificativa?

(Fala fora do microfone)

Sigilo... Se pudesse falar no microfone, por causa da gravação do áudio.

A SRA. MARIJU MACIEL - O que foi passado é que o inquérito corre sob sigilo. Nessa tramitação, entra e volta, MP, vem para a delegacia, sempre que se tentou algum acesso, não estava mais na delegacia. Agora estava no MP. Ai vai no MP, não está mais no MP, voltou para a delegacia. E um ano se passou, sem que nós possamos ter acesso. A gente teve uma declaração que as famílias ainda não entraram na Justiça. Então, se isso era alguma estratégia. Não, as famílias não entraram na Justiça ainda porque as famílias ainda não têm acesso a nada do inquérito. A absolutamente nada. Nós estamos aguardando o encerramento para, após ter acesso ao inquérito, tomar todas as medidas legais possíveis.